

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE- INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS

VITÓRIA MARRA BRASILEIRA MARTINS

***VIVA, REVIVA E
VOLTE A VIVER.
QUEM GOSTA DE FESTA
QUE TORNE A FAZER:
EXPERIÊNCIA COM ARQUIVO
DE IMAGENS DA COMPANHIA
DE FOLIA DE REIS
“OS VISITANTES DA LAPINHA”***

UBERLÂNDIA
2022

VITÓRIA MARRA BRASILEIRA MARTINS

**VIVA, REVIVA E
VOLTE A VIVER.
QUEM GOSTA DE FESTA
QUE TORNE A FAZER:
EXPERIÊNCIA COM ARQUIVO
DE IMAGENS DA COMPANHIA
DE FOLIA DE REIS
“OS VISITANTES DA LAPINHA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG) Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

UBERLÂNDIA
2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M386 Martins, Vitoria Marra Brasileira, 1999-
2022 Viva, reviva e volte a viver. Quem gosta de festa que
torne a fazer. [recurso eletrônico] : Experiência com
arquivo de imagens da companhia de folia de reis "Os
Visitantes da Lapinha" / Vitoria Marra Brasileira
Martins. - 2022.

Orientador: Paulo Mattos Angerami.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Artes
Visuais.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Angerami, Paulo Mattos ,1963-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Artes Visuais. III. Título.

CDU: 7

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

Profa. Dra. Cristiane da Silveira Lima

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória

Prof. Me. Paulo Eduardo Santos de Faria

DEDICATÓRIA

À companhia e comunidade de folia de reis “Os Visitantes da Lapinha”, minha profunda reverência.

Que ainda façamos muitas festas juntos!

AGRADECIMENTOS

À equipe, corpo docente e amigos do curso de Artes Visuais, pelo exercício cotidiano das poéticas.

Ao Prof. Paulo Angerami, que orientou a navegação do barco nesse rio da pesquisa. Não encontrei palavras ou imagens que fossem suficientes para minha admiração.

A Profa. Cristiane Lima, condutora dos sítios arqueológicos das imagens. Sua influência nos rumos do trabalho foi fundamental.

Ao Prof. Paulo Faria, por transformar meu entendimento sobre arte e

educação. E pelas conversas sobre Manoel de Barros e siriemas.

Ao Prof. Renato Palumbo, por fazer do estudo da arte um espaço de reconhecimento. Tudo é conversa fiada.

A Caetano Gisi, pelo cultivo das palavras, dessa vez e outras tantas.

A Fábيا Tunísia, pela companhia e escuta dentro do redemoinho.

À minha família, por todo amor que vive em nossos quintais.

Resumo:

Esta pesquisa é uma reflexão sobre a experiência com arquivos de imagens da companhia de folia de reis "Os Visitantes da Lapinha". O processo seguiu a ritualística da tradição da folia, contemplando seus dizeres e seus silêncios o que resultou em um arquivo com imagens, imagens em movimento e sons, além de um espaço virtual para partilhá-lo junto com os demais materiais encontrados ou produzidos. O apoio teórico está nas obras de Roland Barthes, Georges Didi-Huberman, Fabiana Bruno, Etienne Samain, Maria Ilda Trigo e Glauro Cardoso. E também na produção de Yasmin Thayná, Safira Moreira e

Rosângela Rennó. Sobre a folia de reis, para este trabalho, a comunidade da companhia, em meio a cafés da tarde no quintal dos meus avós, dividiu histórias, causos e cantorias, sendo assim, a principal fonte de pesquisa sobre essa tradição. O presente estudo é um olhar para as imagens sob a perspectiva da experiência, da tradição e das memórias familiares.

Palavras Chave:

Folia de reis; fotografia; arquivo; imagem; experiência.

Abstract:

This work is a reflection on the experience with the image archives from the folia de reis company entitled “Os Visitantes da Lapinha”. The process followed the rites from this traditional revelry, contemplating their sayings and their silences, which resulted in an archive with static images, moving images and sounds, as well as a virtual space for sharing it along with the other materials found or produced. The theoretical framework comes from the works of Roland Barthes, Georges Didi-Huberman, Fabiana Bruno, Etienne Samain, Maria Ilda Trigo and Glaura Cardoso. It is also found in the production of Yasmin Thayná,

Safira Moreira e Rosângela Rennó. About the folia de reis, for this work, the community of the company, amidst afternoon coffees in my grandparent’s backyard, shared stories, anecdotes, singing, being thus the main source of research on this tradition. The present study is a look at the images under the perspective of the experience, the tradition and the family memories.

Keywords:

Folia de reis; photography; archive; image; experience.

*Todo jeito que eu te explicar
fica um pedaço sem explicar*
(Laurita Marra)

Mire e Veja
(João Guimarães Rosa,
Grande Sertão: Veredas)

SUMÁRIO:

1. AVISTAMENTO DE UMA ESTRELA-----	10
2. ARCO UM: A GENTE FAZ MUNDO E DESMANCHA MUNDO-----	17
3. ARCO DOIS: QUEM DEU ALMOÇO AOS <i>FOLIÃO</i> ?-----	34
4. ARCO TRÊS: OS VISITANTES DA LAPINHA-----	51
5. VIVA, REVIVA E VOLTE A VIVER. QUEM GOSTA DE FESTA QUE TORNE A FAZER-----	61
6. LISTA DE FIGURAS-----	69
7. BIBLIOGRAFIA-----	74

AVISTAMENTO DE UMA ESTRELA



Há mais anos que é possível contar que os passos da folia de reis são guiados por uma estrela.

Um brilho que vai alumando caminhos e bandeiras, trançando as vidas em meio a poeira de estradas e ruas.

O som que é feito pelo povo na folia deixa rastro e pegada.

A bandeira inspira a voz.

Caixa.

Pandeiro.

Xique- xique.

Cavaquinho.

Violão.

Viola.

E quando o fole da sanfona chora, o coração chora junto, também.

A caminhada segue para festa.

A festa renova a vida. E também a morte.

Folia que festeja o sagrado em seu tempo primeiro, infância. Onde cabe tudo que é outro tempo.

Sendo assim o caminhar dessa pesquisa se dará tal qual numa

feira de folia. Até chegar ao seu destino, a companhia atravessa um caminho que é marcado pela passagem entre três arcos. Passar debaixo de um arco significa olhar para o tempo da festa. Aqui atravessá-los também será necessário para passear pelas memórias.

A fotografia que abre essas palavras é o começo do caminho. Um anúncio para o que virá.

Lembro daquela tarde, entre tantas outras, que passei na casa dos meus avós. O cheiro do café fluindo da cozinha até o quintal onde os pássaros pretos cantavam para o entardecer. Em meio a biscoitos de

polvilho e bolo de fubá colocamos o café para esfriar nas pequenas xícaras com desenho de uma flor vermelha. E nesse tempo de espera meu avô traz para a mesa um antigo álbum de fotos. “Era da minha irmã” disse ele. Um livro comprido, que parecia até ter sido costurado a mão.

O álbum estava recheado de fotos em sua maioria em preto e branco, que mostravam a infância e juventude da família do meu avô no interior de Goiás. Fotos de casamento, de bebês, cenas da lida no campo, recortes de jornal e até mesmo um velório.

Enquanto folheava encontrei, solta no meio das páginas, esta fotografia. Parei.

Senti que meu corpo respondeu diferente a ela. Primeiro meus olhos pararam em um ponto, no rosto do meu avô. Mas ele não era meu avô. Era um Brasileiro ainda jovem. E ao mesmo tempo olhava para o Brasileiro, muito mais velho, que segurava as fotos. Em seguida meus olhos corriam pela imagem procurando mais. Olhei as pessoas, olhei a paisagem, olhei a vestimenta. E tentei encontrar o que não podia ser olhado.

Depois que o álbum foi fechado e que a foto foi guardada a imagem continuou em mim por dias. Voltei a ela várias vezes.

Pedi que meus avós e meu tio-avô me contassem sobre esse dia. E ouvi suas histórias em outras tardes no aconchego do cheiro de café.

A cena dessa folia começou a ganhar contornos. Me contaram que foi uma festa que aconteceu em meados de 1960. Em uma roça próxima a um lugar chamado Córrego do Catingueiro e estavam lá para cumprir uma promessa feita pelas crianças de uma família vizi-

nha, que estão segurando a bandeira na foto.

Mesmo depois de ter ouvido a história várias vezes, pois gravei ela sendo contada para poder retornar para esse momento, a imagem permanece misteriosa para mim. Uma sensação de distância ao ver o tempo estampado no rosto de cada um e nas árvores ao fundo. Mas também uma certa familiaridade ao reconhecer que alguns desses rostos me rodeiam hoje. E que apesar de não ter estado nessa festa consigo criar vínculos com as memórias que habitam em mim como a sanfona no peito do meu avô, a bandeira

sempre na frente e as pessoas coroadas.

Ao olhar para essa imagem percebi que aquela festa de folia de reis continua a acontecer nos meus olhos.

Assim como os reis magos seguiram seus caminhos orientados pela estrela guia e assim como os foliões continuam a peregrinar nesta tradição, sinto que a fotografia guiou os rumos dessa pesquisa.

Ela é a estrela que revelou o arquivo. É a estrela que ilumina a pesquisa.

**ARCO UM:
A GENTE FAZ MUNDO
E DESMANCHA MUNDO**









“O que há em uma fotografia capaz de causar tamanha inquietação? ”. Essa pergunta me acompanhou depois de encontrar a foto da folia de reis dentro do álbum da minha tia-avó. Tal sensação me levou a procurar outras fotos, outros álbuns. O rebuliço interno provocado por uma só imagem fez crescer a obsessão de coletar mais imagens.

Além disso, estudar a folia de reis também já era um desejo crescente. Gostaria de desenvolver algo sobre esse tema dentro da graduação, mas ainda não sabia muito bem como abordá-lo.

A escolha dessa tradição entre tantas outras da cultura popular não é ao acaso, é afetiva. Minha família tem envolvimento com folia de reis há muitas gerações e em meados de 1996 fez parte da fundação da companhia “Os Visitantes da Lapiinha” a qual integra até hoje, atuando principalmente em Uberlândia e região.

Desde criança que tenho contato com essa tradição, que ouço meu avô ensaiando na sanfona para tocar com seus companheiros e que vejo minha avó costurar as bandeiras enquanto cantarolava os versos

de alguma das músicas da companhia.

E mesmo tendo crescido rodeada por essa comunidade nem sempre entendia a dinâmica da companhia pois a folia tem ritos complexos e fundamentos a ser cumpridos, que quando pequena eu não via com clareza.

No livro “Encontro de bandeiras: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro” o pesquisador Márcio Bonesso reúne algumas definições de outros pesquisadores sobre essa tradição. Em um desses trechos ele cita:

Em Folias de Reis em Mossâmedes, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão caracteriza as folias como ‘um grupo precatório’ de cantores e instrumentistas, seguido de acompanhantes, e viajores rituais, entre casa de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos ‘três reis santos’ entre 31 de dezembro e 6 de janeiro’ Brandão, 1977, p.4. (BONESSO, 2012, p. 22)

E sobre o traço precatório da folia Bonesso explica:

O traço precatório da folia assim se explica em suas jornadas de casa em casa, quando o grupo

de foliões pede dinheiro, comida e mantimentos aos devotos para realizar as festas em louvor aos três magos. Em retribuição, a folia age como o principal elo mediador de trocas mágicas entre esses devotos e os santos reis: milagres e curas impressionantes são intercedidos pelas folias de reis. Excepcionalmente, em algumas casas cujos devotos nada têm para oferecer devido à situação financeira, algumas folias lhes deixam mantimentos ou dinheiro.
(BONESSO, 2012, p. 22)

Ou seja, a folia de reis é uma manifestação popular que remete à história do anúncio do nascimento de

Jesus Cristo feito pela estrela guia e da visita dos Reis Magos (Gaspar, Belchior e Baltazar). Os grupos, também chamados de companhias, se reúnem para peregrinar cantando, tocando e rezando para pedir ou agradecer entre os devotos. Uma manifestação que agrega influências multiculturais e é capaz de estabelecer vínculos fortes dentro de uma comunidade.

Segundo um dos capitães da companhia “Os Visitantes da Lapinha”, Oliveira Brasileiro (Tinte):

A origem bíblica da folia de reis vai até determinado ponto da história. Segundo ele: “Na Bíblia

you only find three verses about the kings. And from this the people makes the world and cleanses the world. The tradition was created afterwards.

(BRASILEIRO, 2021)

Or, from a faith in common, the king's festival was made by the people to express it in its own way. Inside the tradition are many steps and elements for the rituals to be fulfilled.

Among these many elements are the arches. In a festival, from the hour of the flag's delivery to the company, singing and playing, three arches are made along the way

of a determined path. The arches are large circular structures made of bamboo and decorated with leaves, ribbons and ornaments symbolizing the passage of the kings. In this path, the position of the arches is also a time marker of the journey, from its beginning to its destination.

The passage of time in this research will also be marked by arches, delimiting the transition between each of the moments.

Tracing the path through the photographs was a choice made after the production of the final work for the "Photography Studio" material.

com o professor Paulo Angerami em 2021. Meu contato com os álbuns de família com o propósito de estudá-los ainda era recente e as ideias estavam todas frescas. Então aproveitei o espaço do Ateliê para desenvolvê-las.

Nesse período, buscando compreender a força das fotografias de família assisti o documentário em curta-metragem “Fatura” (2019) de Yasmin Thayná. Em cerca de 30 minutos a diretora parte das fotos de famílias negras de periferias do Rio de Janeiro para abordar suas relações com a comida e como o processo, que vai desde o preparo até a partilha, é atravessado pelas

relações sociais e pela ancestralidade.

O modo como Yasmin organizou as imagens, pensamentos e histórias que ouviu estão em seu filme como registro íntimo de cada família em coexistência com as outras famílias da comunidade. Um espaço onde há fartura pois tudo há de ser partilhado. Uma obra transformadora para meu olhar sobre as fotografias que tinha em mãos, ao entender então suas potências artísticas.

Foi na mesma época que li o artigo “Como pensar e fazer pensar um arquivo fotográfico: uma dupla experiência” escrito em conjunto

por Fabiana Bruno e Etienne Samain. Ao longo do texto ambos contam suas reflexões sobre a vivência que tiveram com um arquivo feito por Samain anos antes.

No trecho narrado por Fabiana são citados outros pesquisadores do tema que abordam a seleção dentro de um arquivo:

Para Michel Foucault (1969/2012), saber é separar. Didi-Huberman, acrescenta que saber é saber separar para montar depois. “Para montar, é preciso, em primeiro lugar cortar e em seguida juntar. (BRUNO; SAMAIN,2016,p. 8)

Foi quando passei a tentar encontrar uma conexão que algumas imagens faziam entre si, enxergar fotografias que criavam diálogos e que transmitiam ou acessam memórias similares.

Seguindo esse caminho o trabalho final apresentado na matéria de Ateliê de Fotografia foram séries de imagens onde as palavras agem como linha e agulha para costurá-las entre si. São elas: *apreparo*, altar, toadas, capela, prece, coroação, infância e relicário.

Tal exercício ampliou minha percepção para detalhes mais sutis,

aguçou os sentidos para o que as imagens despertavam e me fez refletir que as temporalidades vistas no papel podiam ser suspensas ao contemplar essas fotografias.

Por isso a escolha de arcos de imagens como marco de passagem ao longo da pesquisa. Assim como o caminho percorrido pela folia, o texto pode ser visto como uma estrada e, durante a sua leitura serão atravessados também três arcos.

Enquanto os arcos da folia são estruturados com bambu e enfeitados com fitas, esses, são represen-

tados, cada um, por um determinado conjunto de imagens, matéria prima das experiências.

A série de fotografias do Arco Um é sobre inícios. Ao olhá-las percebo o começo da experiência com o arquivo e também o começo da companhia.

Os registros presentes nas fotos são: a bandeira sustentada pela madrinha da companhia, Elaine Brasileiro, entrando na capela de Santos Reis; os foliões tocando no corredor da capela; os integrantes usando coletes que identificam a companhia enquanto grupo de folia

de reis e a entrada dos festeiros coroados seguidos pela companhia.

Nessa última imagem, os festeiros chamam a atenção; e a atenção dificilmente se desvia deles. Só depois de observar várias vezes é que percebi que há um arco na porta da capela.

São imagens que me lembram a frase do meu tio-avô: “a gente faz mundo e desmancha mundo”. Momentos de criação de uma companhia de folia de reis e da continuidade de uma tradição.

A tradição é o pilar, tem fundamentos, princípios, regras, histórias,

compromissos. Mas ela se faz viva no corpo de cada um que a abraça. E em uma relação mútua, o corpo se transforma tanto quanto a tradição é transformada por ele.

Entretanto, cada companhia tem sua dinâmica encabeçada por seu capitão, por seus foliões e devotos. Portanto, desejo pontuar que esse trabalho não tem como proposta uma análise dos ritos da folia de reis, mas sim, por meio de imagens e sons, investigar como a companhia de folia de reis “Os Visitantes da Lapinha” exerce essa vivência.

É importante dizer também que o início do processo de pesquisa aconteceu durante a pandemia, onde o contato com os outros integrantes da companhia foi muito raro. “Mas no coração estamos sempre juntos” é uma afirmação que minha vó, Laurita, falava quando se enchia de recordações.

Aos poucos, as visitas foram voltando para o quintal dos meus avós onde aconteceram muitas tardes de café povoada por conversas sobre folia de reis, das quais, algumas foram gravadas e serviram de base para a pesquisa.

Mas em um primeiro momento a convivência com esses álbuns de foto foi silenciosa. Álbuns carregados de memórias, histórias, afetos que precisavam voltar para seus lugares de origem, assim as imagens passaram por um scanner e foram catalogadas. Assim que eram digitalizadas, retornavam para suas casas.

Ao longo do processo contemplei, conversei, me silencieei e escutei as imagens. Convivi com elas. Vasculhei suas linhas. Busquei em suas camadas o que aquelas cenas guardavam em segredo.

Assim se deu a experiência da construção do arquivo. A palavra experiência faz referência ao texto “Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência” onde, segundo o autor:

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. [...] Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (BONDÍA, 2002. p. 25)

A experiência com o arquivo, seja ele nas horas solitárias ou em grupo

nos cafés da tarde, trouxe à tona as camadas das imagens. Como elas se desdobram diante dos olhos. As inquietudes que despertam. As emoções que afloram. As memórias que elas fazem fluir em nosso imaginário.

É interessante notar, por exemplo, como as imagens mudam com o passar desses anos. O formato do papel fotográfico, as cores, o jeito de se comportar diante da câmera etc., entretanto as cenas se repetem. Como eventos cíclicos.

Havia encontrado ali fontes de águas doce para banhar a pesquisa.

As fotografias seduziram não só os meus olhos, mas todos os meus sentidos. Cenários onde não estive de repente me eram familiares. O silêncio não era mais tão quieto. Era um ambiente de prenúncios, preparando o terreno para o que viria.

Buscava também estudar sobre as experiências de outras pessoas com imagens e arquivos.

Como quando Barthes, no livro “A Câmara Clara”, fala sobre cada indivíduo estar rodeado de um labirinto de imagens.

Já Etienne Samain no texto “Peles da Fotografia” diz sobre as imagens:

Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante.
(SAMAIN, 2013 p.8)

E segue:

Ela é a eclosão de significações, num fluxo, amplo e contínuo, de pensamentos que sabe carregar. É por essa razão que a imagem pode-se tornar um clarão numa noite profunda, a aparição de uma espécie fantasmal esquecida, que, de repente, se desvela por um curto instante, se revela,

nos lembra de outros tempos e
de outras memórias.
(SAMAIN, 2013. p.8)

E no livro “Como Pensam as Imagens?” Etienne Samain ao fazer referência a uma passagem de Gregory Bateson diz:

Colocarei assim, as imagens
(todas as imagens) ao lado dos
caranguejos do mar e das borboletas,
isto é, na caixa de coisas vivas.
(SAMAIN, 2012. p.21)

Os arquivos são, portanto, caixas
de coisas vivas.

**ARCO DOIS:
QUEM DEU ALMOÇO AOS *FOLIÃO*?**









A construção do arquivo foi em sua maioria um tempo solitário. Organizar as fotos, colocá-las no scanner, fazer uma catalogação etc. Mas ao conviver muito tempo com elas senti a necessidade de procurar saber, com a pessoa que possuía cada álbum, como essas mesmas imagens os afetavam.

No texto “Impurezas de arquivo: prática artística e (re)laboração de um conceito de arquivo” a pesquisadora Maria Ilda Trigo compartilha a experiência com as suas próprias fotografias familiares. Em um dos trechos do texto ela diz:

Trabalhar artisticamente com arquivos significava também conceber o arquivo de determinada maneira e, para isso, fazia-se necessário compreender as diferentes maneiras como ele era pensado.
(TRIGO, 2020. p. 307)

O arquivo crescia. Depois do exercício das séries de fotografias sentia vontade que esse arquivo se desdobrasse, que ganhasse outras vozes e que pudesse circular entre aqueles que ali estavam registrados. Pois desejava entender essa experiência com as imagens quando acontecia com os demais integrantes da comunidade da companhia.

O destino de uma jornada vai se transformando durante o caminho. É necessário cada passo, cada instante para construir a estrada por onde se vai. Assim é feito com a peregrinação da folia de reis. E assim foi feito com as fotografias que foram emergindo de cada casa.

A festa, que acontece em uma noite, é precedida por horas de preparo. A festa é feita por todas as horas de giro ao passar de casa em casa cantando e recebendo doações, é feita por cada oração, pela comida que é feita para alimentar toda a comunidade ali presente... E as imagens que contam sobre esses

momentos também se revelaram em meio às demais fotografias.

Observar essas fotos, estar com elas é perceber quais movimentos acontecem enquanto a companhia faz sua caminhada. O que faz pensar em quantas mãos constroem a tradição em conjunto.

As imagens do Arco Dois são momentos de “*apreparo*” de uma festa. A feitura da comida, a costura da bandeira e a arrumação do espaço. Quando uma companhia de folia de reis recebe comida em uma cara geralmente o capitão do grupo puxa o verso:

“Ai, Jesus Cristo perguntou:
quem deu almoço aos *folião*?
Os Três Reis *arrespondeu*:
foram os filhos de sua benção, ai”

O momento da feitura dos elementos da festa de folia, não só da comida, é profundamente ritualístico.

A imagem do quintal fisgou meu olhar principalmente pelo desconhecimento total do que se passava ali. Apesar da sensação de familiaridade com o momento por vê-lo sendo repetido em todas as festas que pude acompanhar, essa fotografia em especial me era um tanto mais distante. As cores são diferentes das demais. As fotos de festa

em geral são fotos populosas, coloridas, vibrantes e enérgicas. Nessa foto os tons não são muito variados e o momento transmite uma sensação de descontração em meio a concentração. Passei um tempo com a foto, me questionando sobre o que ela gostaria de dizer. Continuava atenta aos movimentos que ela fazia e nas fisionomias que tinha dificuldade de encontrar.

O que a foto apresenta com mais proximidade é a feitura da comida. Os fogareiros acesos no chão, os tachos e enormes colheres de pau que fervem no canto da imagem e vão se escondendo para além dos limites do papel. É possível imagi-

nar que a cozinha seja o cômodo ao fundo e que a circulação de pessoas e comida acontecia por essa porta aberta.

A preparação teve que se estender para outros espaços da casa. E a comida é feita ali mesmo, no quintal, pois com o passar dos anos o crescimento da festa pediu que se aumentasse também a quantidade de comida. As pessoas estão agrupadas no fundo mais fundo da foto. Onde o foco nem mais consegue alcançar. Se colocam em segundo plano em relação à comida.

Agora reconheço um dos rostos. Encontro com a minha vó. E então a imagem ganha aconchego. É tão

acolhedor reconhecê-la ali que tenho que fazer força para voltar a olhar para os rostos de outras pessoas e não apenas ficar descansando os olhos no colo fotográfico de minha vó.

Essa imagem está no álbum que pertence à Surama Brasileira, minha tia, e vem acompanhada do relato dela não só enquanto participante, mas enquanto fotógrafa também. Suas palavras abrem frestas de novas histórias sobre tais momentos, momentos esses que aconteciam além das fronteiras capturadas na foto.

Lembro-me das palavras que ela usou para se referir sobre as fotografias quando fomos folhear seus álbuns juntas. “Você tem certeza que quer olhar essas fotos? Tem umas que são *macetosas*”.

Macetosa é uma palavra recorrente em nosso vocabulário familiar. Remete a amassar, golpear com força.

A escolha dessa palavra para adjetivar as fotografias trouxe novas inquietações. O que torna uma imagem *macetosa*? O que há em uma imagem de tão poderoso capaz de ser comparada a um golpe deferido com força?

Acredito que acessar lembranças e sensações ao ver as fotografias podem as tornar “*macetosas*”. O que minha tia diz a respeito de ver as imagens é sobre apenas um breve vislumbre ser capaz de atingir determinadas emoções, de chamar recordações profundas.

Com a palavra de minha tia habitando na mente, vários outros momentos vieram à minha lembrança. Em “A Câmara Clara” Barthes diz que as feridas tocadas por uma imagem são o seu caminho de compreensão. Um único toque de caixa (também chamada de alfaia) anunciando o início de uma toada

basta para uma mudança total de estado de emoção em uma casa.

O cheiro das panelas de feijão da folia evoca memórias que passeiam pela boca. Em nossa família, especificamente, o floreio da sanfona de meu avô, que também faz parte do início das toadas, consegue nos transportar imediatamente para todos os tempos que essas notas foram tocadas por ele.

Em “Quando as imagens tocam o real” Georges Didi-Huberman faz apontamentos acerca do entendimento do olhar para a imagem enquanto um olhar arqueológico, capaz de escavar e soprar suas

camadas. Nesse processo o autor diz:

Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o lugar onde arde, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço a um “sinal secreto”, uma crise não apaziguada, um sintoma. O lugar onde a cinza não esfriou.
(DIDI-HUBERMAN,2012 p.10)

E segue:

Mas, para sabê-lo, para senti-lo, é preciso atrever-se, é preciso acercar o rosto à cinza. E soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu peri-

go. Como se, da imagem cinza, elevara-se uma voz: “Não vês que ardo?”.
(DIDI-HUBERMAN, 2012 p. 11)

A foto da bandeira, em particular, tem uma ardência de feridas que ainda estão em movimento. Muitas palavras me chegam às pontas dos dedos para descrevê-la. Talvez “ternura” seja uma boa escolha para começar.

Juntamente com o som da sanfona de meu avô, minha infância também tem barulho de máquina de costura. Ofício que enlaça muitas mulheres da minha família. Durante muitos anos, vovó era encarregada de preparar as bandeiras para as festas. O

modo em particular que ela decorava o tecido e a estampa, nome que ela deu para a foto dos Santos Reis, derrama ternura.

Se na história que é contada os reis foram guiados pela estrela, na folia o povo é guiado pela bandeira. No tempo que antecede a festa a companhia faz sua peregrinação durante muitos meses para organizar a entrega, momento de passagem das coroas entre os festeiros.

A bandeira é considerada na folia como um altar ambulante. É a guia. O primeiro folião durante os giros é

sempre o alferes¹, aquele que carrega a bandeira, e não é recomendado que ninguém a ultrapasse.

E assim como um altar é o espaço habitado por velas, objetos sagrados e objetos de afeto assim também é com a bandeira. O pesquisador Daniel Bitter se aprofunda nos significados desses objetos e sobre a bandeira ele diz:

Guardando entre si consideráveis diferenças formais, as bandeiras aproximam-se de outros objetos que ocupam lugar seme-

¹ Nome de um dos cargos da hierarquia de uma companhia de folia de reis, tais como: capitão ou embaixador, foliões e palhaço (se houver).

lhante em seus contextos particulares, entre os quais poderia citar: altares móveis, registros, esculturas de santos, coroas etc. objetos estes que têm ainda em comum o fato de serem transportados espaço-temporalmente por determinadas pessoas. (BITTER, 2010. P.10)

E continua:

Todos esses objetos, reservadas suas particularidades, desempenham função central em sistemas rituais, precisamente por serem tidos como dotados de poderes extraordinários (BITTER, 2010. P.10)

A bandeira que inicia um giro cresce a cada casa que visita. A cada parada ouve-se uma promessa. Cada morador divide com a bandeira seu fio de esperança. A bandeira circula pelos cantos da casa e geralmente é passada por cima das cabeças de quem estiver ali. Ao ir embora são depositadas fotos, geralmente retratos em 3x4, e cédulas de dinheiro podem pregadas com alfinetes, como oferta.

Certa vez, vovó me contou que ela escolhia tecidos no tom mais claro de azul para que ficasse com a cor mais parecida com o céu.

Durante a costura da bandeira ela dividia segredos com o pano onde aflorou uma relação de intimidade entre ambas. O zelo ao acrescentar cada fita de cetim, cada flor e cada ornamento ao longo do tecido azul celeste sempre pareceram para mim que minha vó estava fazendo uma oração.

Em uma das conversas que tivemos ela me contou sobre o processo de costura:

Uai, a gente fazia um quadrado da medida da bandeira. Pegava, chuleava aquela bandeira todinha ali naquele quadrado para ela ficar bem arrumadinha, esticadinha. Ainda vou te explicar

isso lá em casa², quando eu estiver lá. Aí depois que ela estava alinhavadinha, arrumadinha a gente fazia os enfeites. (MARRA, 2022)

Tanto quanto a preparação da comida quanto a costura da bandeira foram momentos que pude acompanhar diversas vezes desde que era pequena. A comida reunia muitas pessoas em torno de si. Sempre foi um ritual da abundância. Para que pudesse haver partilha.

² Essa conversa que tive com minha avó aconteceu durante sua internação no Hospital Municipal de Uberlândia no começo de 2022, que a afastou de casa durante três meses.

Já a costura da bandeira, penso ser talvez um ritual de solidão. Pelo menos era o que via na minha vó. Ao observá-la, ora em silêncio ora em cantorias sertanejas, absolutamente imersa em seu trabalho eu podia testemunhar o princípio da festa antes que tudo começasse a se movimentar.

A primeira foto, a imagem das mãos de minha vó em cima da bandeira em construção, me remete ao que diz Etienne Samain sobre os segredos de uma foto:

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. As

fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos.

(SAMAIN, 2013, p. 10)

Pensar sobre essa fotografia da bandeira é para mim abraçar a voz de minha tia pronunciando a pala-

vra “*macetosa*”. A imagem me acalenta com a mesma força que golpeia.

Dentro das coleções que acessei, essa veio da minha própria coleção. É o registro da última bandeira que minha vó costurou e enfeitou. O que antes quando criança eu via acontecer com naturalidade e precisão, no dia dessa foto parecia distante. Seus dedos seguravam a agulha, mas não sabiam mais o que fazer com ela. O tecido de sua memória aos poucos está ganhando fissuras. Como uma renda.

O propósito inicial era tratar das atividades que acontecem antes ou no decorrer da festa.

Mas não deixa de ser também uma homenagem a Dona Laurita, minha vó. Uma fazedora de altares de tecido.

**ARCO TRÊS:
OS VISITANTES DA LAPINHA**









Quando a companhia de folia de reis atravessa o terceiro arco significa que o altar para entregar a bandeira já está próximo. O momento onde os festeiros passam a coroa para os festeiros do ano seguinte. A hora da festa. Cantoria, comida em abundância, partilha, encontros.

A série de fotos do Arco Três foi guiada pelo significado da comemoração. Uma festa que só acontece para ser vivenciada em comunidade.

Os foliões relatam que essas festas são muito importantes para eles, pois lhes dão oportunidade de rever pessoas, ami-

gos, compadres e lugares sagrados. No livro “As formas elementares da vida religiosa”, Émile Durkheim (1989) discute como as festas religiosas há muito tempo possuem a característica de renovar os espíritos fatigados dos indivíduos que trabalham cotidianamente. Talvez elas sejam, de um modo geral para todas as sociedades, uma das principais fontes de energia, produzindo um estado de “efervescência” coletiva e gerando relações extracotidianas que exaltam e excitam seus participantes.

(BONESSO, 2012. P. 47)

Como nos diz Barthes: “a Fotografia tem alguma coisa a ver com a ressurreição” (p. 71). Cada imagem encontrada na feitura do arquivo provocou sensações e emoções distintas em quem entrava em contato com elas. E há também quem escolheu não as ver, por ser um processo doloroso encarar quem está ali no papel.

As imagens por si só, guardadas nos álbuns talvez não ganhem esse poder de objeto ritual uma vez que não há quem interaja com elas. Mas quando alguém se propõe a olhá-las elas são capazes de fazer atravessamentos. O imaginário já faz conexões entre a imagem, cheiros,

vozes, toques das toadas³. Ou seja, ressuscita memórias.

A relação entre as imagens, o tempo e como olhá-las é um exercício de aproximar o rosto de suas brasas. Como mencionado no Arco Dois, perceber que as imagens ardem:

Uma imagem bem olhada seria, portanto, uma imagem que soube desconcertar, depois renovar nossa linguagem, e, portanto, nosso pensamento.
(DIDI-HUBERMAN, 2012. p. 11)

³ Variações de ritmos das músicas na folia de reis.

A primeira imagem a me desconcertar delineou o caminho por onde a pesquisa seguiu. E foi possível ver também tal desconcerto entre as pessoas que também partilharam das demais imagens no arquivo construído.

Embora para mim todas as imagens tenham esse gosto de ressurreição penso que as fotografias desse arco sejam mais voltadas para esse sentido. Ressuscitar é: “ressurgir; voltar a viver”. (BUENO,2007. p.667)

A tradição da folia tem sua base em recontar uma história através de cantos e rezas. Para isso faz uso de bandeiras, arcos, instrumentos e

demais objetos que ganham papel ritualístico na dinâmica.

As imagens representam a festa que foi. A festa que há. A festa que virá. Ver o terceiro arco remete à chegada, ao destino. Coroar os festeiros e passar a coroa a diante é um ato de finalizar o ciclo de uma festa e ao mesmo tempo já ver a outra nascer. Celebrar em comunidade é saber que a estrela também está sendo festejada.

A terceira fotografia do Arco Três tem um ardor ainda em chamas. Para mim, é como se ouvisse o crepitar de suas brasas. É uma ima-

gem fogueira, tão poderosa quanto o fogo da época de São João.

As preces na folia de reis são tanto de pedido quanto de agradecimento. Quando uma promessa é feita e a graça é eventualmente alcançada o devoto deve demonstrar a sua benção diante da companhia e da comunidade.

A imagem em questão é o registro do rito de um desses momentos. O devoto estava enfermo e foi curado. Durante um dos giros da folia ele se deita no chão e tem o corpo coberto por uma toalha branca. Em seguidatodos os integrantes da companhia, seguindo o alferes com a bandeira,

passam por cima dele cantando a cura dessa enfermidade. É um ato que remete justamente à ressurreição de Cristo. Um momento de aproximação entre vida e morte.

Quem está debaixo do lençol é meu tio-avô Oliveira, conhecido por Tinte, um dos capitães da companhia. É uma foto da época em que ele recebeu o diagnóstico de cura de uma doença contra qual lutava há muitos anos.

Tio Tinte participou de grande parte do processo dessa pesquisa. Nos reuníamos na casa do meu avô e todo café da tarde virava hora de falar sobre folia.

Desde fevereiro de 2022 tio Tinte não nos faz mais companhia nos cafés da tarde para prosearchmos sobre folia e tantas outras coisas.

O encontro com essa imagem foi depois de fevereiro. Dentro dela, para mim, cabe todos os causos que o ouvi contar sobre a sua jornada com a folia de reis. A frase “a gente faz mundo e desmancha mundo” ganhou novos sentidos. A folia de reis é a experiência da vida e morte que coexistem no nosso cotidiano.

**VIVA, REVIVA
E VOLTE A VIVER
QUEM GOSTA DE FESTA
QUE TORNE A FAZER**

O versinho que dá nome à pesquisa faz parte de um momento muito específico durante a festa, a hora que a cantoria no altar da bandeira se encerra para dar início ao festejo. Penso que essa música é justamente o momento que liga a festa que acabou com a festa que ainda irá acontecer.

Vi os movimentos circulares da folia de reis em cada uma das 271 imagens que fazem parte do arquivo até a conclusão dessa pesquisa. Ouvi repetidas vezes nas 30 gravações de conversas com familiares e outros componentes da folia.

E depois de muito conviver com as fotografias pude acessar gravações em VHS de festas que aconteceram durante esses quase 30 anos da companhia. Gravações inclusive de momentos que não foram registrados em foto. São ao todo 10 fitas VHS e 20 gravações já em DVD.

O contato com as imagens em movimento foi uma experiência que despertou outras sensações. A visualidade do VHS, a aparência diferente daqueles que conheço hoje, os espaços familiares habitados por outros tempos, ouvir os sons daquela época.

Ao entrar em contato com esse material desejei imediatamente digitalizá-lo para poder mostrar essas festas para os demais integrantes da folia e para que pudessem acessá-lo com mais facilidade.

O contato com essas gravações deu um brilho diferente para as referências que vinham sendo estudadas. E também com as reflexões e discussões que aconteceram em duas disciplinas conduzidas pela professora Cristiane Lima: “Arqueologia das Imagens e das Imagens em Movimento” e “Arte, Documento e Processos de Criação”, matérias que participei através de mobilidade

virtual na UFSB, Universidade Federal do Sul da Bahia em 2021.

Ao longo dos semestres, foi dada a proposta da criação para o trabalho final de um breve ensaio audiovisual sobre um tema de escolha individual. E a produção desse ensaio com imagens da folia abriram caminho para sonhar com novos desdobramentos que podem ser criados a partir desse material.

Há um terceiro lugar, uma terceira margem do rio, onde, invisíveis, imateriais, o semelhante se funde no semelhante, onde a analogia se metamorfoseia em fusão.

(COLI, 2018. p. 46)

O tempo das imagens é um pouco como o tempo dos rios e das nuvens. Ele rola, corre, murmura, quando não se cala. O que faríamos sem as imagens?
(SAMAIN, 2013. p.8)

O entendimento de que as imagens habitam um espaço tempo distinto as posiciona em nosso imaginário entre o lugar de objeto e ser vivo. Mas para além de comparações, elas são imagens. E é aí onde reside sua força. Elas ardem em nós enquanto olhamos para elas.

A pesquisa se ateve ao estudo das imagens pois no princípio o arquivo

foi construído na busca dos álbuns de fotografia. Durante o percurso, no entanto, pensei sobre uma expansão desse arquivo.

A folia de reis é uma tradição que cria elementos em seu movimento. Me perguntava se não seriam, portanto, as flores de tecido, toalhas bordadas, coletes, instrumentos e aviamentos também parte de um arquivo maior? A materialidade das imagens analógicas traz uma experiência sensorial para quem as contempla. E a materialidade desses elementos não arde menos, pelo contrário, também são capazes de suscitar teias de memórias. São igualmente macetosas.

Mas um arquivo de imagens guarda potencialidades que são muito particulares.

O arquivo, penso, é uma memória em latência, uma memória que cochila, que, encoberta, poderá ser, amanhã, descoberta, re-aberta.

(SAMAIN, 2013. p.10)

Ao longo dos versos de Antonio Cícero no poema “Guardar”, o texto que abre o livro “O uso criativo de acervos fotográficos” de Pedro Karp Vasquez, o poeta diz que guardar algo não significa escondê-lo ou trancá-lo, mas olhá-lo e entrar em contato. Penso que o desejo de criar esse arquivo para preservar e parti-

lhar as imagens analógicas dos álbuns de foto da folia as trouxeram para nossa convivência.

As memórias que as imagens nos impeliam a contar nos cafés da tarde voltaram a passear no nosso imaginário e agora podem alçar voo também em tantos outros olhos. Assim como posteriormente o contato com as gravações em VHS, os áudios das conversas, os tecidos de toalhas e bandeiras e até mesmo as panelas onde são preparadas as comidas também ativam memórias. Tudo está em movimento. Tudo caminha.

Sem caminhada não tem mantimento para o preparo. Sem o preparo não tem festa. E se não tem festa não carece de caminhar. Tudo faz parte da mesma tradição. É por isso que tornamos a caminhar, preparar e festejar. Faz parte do encanto da Folia de Reis.

A construção do arquivo trouxe como ardor essa constatação da reinvenção. Uma percepção circular do tempo. A tradição que se renova cada vez que a festa se repete. Tais imagens tocam o real, no cerne da fé que pulsa na comunidade.

A folia de reis vive, revive e torna a viver. A folia de reis gosta de festa e torna a fazer.



LISTA DE FIGURAS



0001- Ercília Brasileiro 01



0008- Alex Brasileiro-03



0175- Surama Brasileira-05



0243- Surama Brasileira-73



0176- Surama Brasileira-06



0263- Vitória Brasileira-02



0156- Francisco Célio-37



0259- Surama Brasileira-97



0138- Francisco Célio-19



0017- Elaine Brasileiro- 06



0044- Elaine Brasileiro- 33



0249- Surama Brasileira-79



0135- Francisco Célio-16



0001 - Ercília Brasileiro 01

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de Reis**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

BONDÍA, Jorge Larossa, *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: **Revista Brasileira da Educação**, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 18, n. 1, p. 27-45, 2010.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FDT, 2007.

CADERNOS DO PATRIMÔNIO: Folias de Minas. Minas Gerais: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Turístico de Minas Gerais, 2018- .

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-**

graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 2012.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 2003.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 047-064, 2003.

SAMAIN, Etienne et al. Como pensar e fazer pensar um arquivo fotográfico: uma dupla experiência. **Revista Visagem**, v. 2, n. 1, 2016.

SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pen-**

sam as imagens. Editora da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Etienne et al. Como pensar e fazer pensar um arquivo fotográfico: uma dupla experiência. **Revista Visagem**, v. 2, n. 1, 2016.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, v. 10, n. 1, 2012.

TRIGO, M. I. **Impurezas de arquivo: prática artística e (re) elaboração de um conceito de arquivo**. Estado da Arte, v. 1, n. 2, 2020.

TRIGO, Maria Ilda. **O arquivo em (re) construção: diário de processo-1**. Palíndromo, v. 11, n. 23, p. 84-97.

VALE, Glaura. A mise-en-film da fotografia no cinema documentário brasileiro contemporâneo. **Galaxia. Revista del Programa de Pós-graduação em Comunicação y Semiótica**, n. 32, 2016.

Vasquez, Pedro. **O uso criativo de acervos fotográficos**. Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte. 2016

FARTURA. Direção: Yasmin Thayná.

Produção: Juliana Nascimento. Roteiro: Yasmin Thayná. Rio de Janeiro, 2019. (26 min)

TRAVESSIA. Direção: Safira Moreira. Produção: Safira Moreira. Roteiro: Safira Moreira. Rio de Janeiro, 2017. (5 min)